
MEMÓRIAS EM TESSITURAS: Registros de histórias, vida e trabalho

Celia Beatriz Piatti^()
Sônia da Cunha Urt^(**)*

INTRODUÇÃO

O artigo aborda as narrativas como recurso metodológico nas pesquisas em educação. Apresentamos as memórias de três professoras que, ao narrarem seus caminhos de vida e trabalho, evidenciam que as lembranças oportunizam aos sujeitos descreverem suas trajetórias e, portanto, possibilitam a compreensão de diferentes aspectos relacionados à formação docente.

Em nossa vida, temos recordações de tempos passados na infância, na adolescência, na velhice e as lembranças são vivenciadas por nós durante toda a nossa trajetória de vida.

Halbwachs (2004) define a memória como a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado, nos faz um alerta acerca de que fazemos um apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma maneira e, embora muitas circunstâncias nos pareçam obscuras, podemos transmiti-las através do confronto de várias lembranças.

De acordo com as ideias do autor, existe uma memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e se refere as suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado.

É preciso reconhecer que as memórias individuais são construídas a partir de vivências que os sujeitos experimentaram no curso de suas vidas, no interior de grupos sociais. A manifestação de memórias individuais decorre da inserção delas em campos de significados de domínio coletivo, pois, ao lembrarmos de fatos, no ato de lembrar nos servimos de alguns significados e são os grupos sociais que nos servem de pontos de referência.

Assim, buscamos apontar, neste estudo, a memória como um dos elementos que evidenciam a contribuição das narrativas na voz das professoras, recurso possível no reconhecimento de sujeitos e contextos. A partir da história das professoras, nossa intenção é encontrar indícios de como aconteceram seus processos de formação: como se deu sua escolha pela docência; qual a influência

^(*) UFMS. E-mail: celiabp@brturbo.com.br.

^(**) UFMS. E-mail: surt@terra.com.br.

do lugar onde viveram para a sua escolha, quais as pessoas que influenciaram sua escolha e quais características elas atribuem a sua ação docente.

Inicialmente, trazemos uma breve reflexão sobre a pesquisa educacional no Brasil e, de forma sucinta, discutimos o uso das narrativas como recurso metodológico, bem como a possibilidade de evidenciar as memórias como ponto de partida para essas narrativas. Para ilustrar, trazemos as narrativas rememoradas pelas professoras que atuam em escolas localizadas na região do Pantanal sul mato-grossense.

APONTAMENTOS NECESSÁRIOS: A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

É considerável, de acordo com Gatti (2001), o crescimento de pesquisas na área de educação devido à expansão, ampliação e consolidação dos cursos de pós-graduação no Brasil. Articulada a essa expansão, segundo André (2006), estão também as mudanças nas temáticas e problemas em relação aos referenciais teóricos, bem como nas abordagens metodológicas. Cada vez mais ganham força os estudos qualitativos, apresentando diferentes abordagens de pesquisa.

Tomando como pressuposto o caminho da pesquisa educacional, Gatti (2001) afirma que, no final dos anos 30, com a criação do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais, estudos mais sistemáticos no país começam a se desenvolver. Mais tarde, com o desdobramento do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – INEP –, no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e nos Centros Regionais do Rio Grande do Sul, São Paulo, Bahia e Minas Gerais, a construção do pensamento educacional brasileiro, mediante pesquisa sistemática, encontrou um espaço específico de produção, formação e estímulo.

O INEP e seus centros constituíram-se em focos produtores e irradiadores de pesquisas e de formação em métodos e técnicas de investigação científica em educação, inclusive os de natureza experimental.

Nesse trajeto da pesquisa educacional, as abordagens dos estudos, bem como as temáticas, são influenciadas pelo momento histórico, social e econômico do país. Inicialmente, segundo Gouveia (1971,1976), há um enfoque psicopedagógico nas temáticas como desenvolvimento psicológico das crianças e adolescentes, processos de ensino e instrumentos de medida de aprendizagem. Na década de 1950, há uma centralidade nas temáticas sobre condições culturais e tendências de desenvolvimento da sociedade brasileira. Na de 1960, com o governo militar, há um redirecionamento com perspectivas sociopolíticas do país e as temáticas são direcionadas aos

estudos de natureza econômica, cujos trabalhos versam sobre educação como investimento, demanda profissional, formação de recursos humanos, técnicas e programas de ensino.

Em meados da década de 1970, mantêm-se as temáticas anteriores, mas há uma evidência de problemáticas como: estudos sobre os currículos, características dos alunos, da família, ambientes de origem, nutrição, avaliação e estratégias de ensino. Nessa fase ocorre não só uma ampliação das temáticas, mas também um aprimoramento metodológico.

Para Gatti,

Não só houve maior diversificação dos temas, como também dos modos de focalizá-los. Passou-se a utilizar métodos quantitativos mais sofisticados de análise, quanto qualitativos e, no final da década, um referencial teórico mais crítico, cuja utilização se estende a muitos estudos. (GATTI, 2001, p. 67).

Ainda segundo a autora, nessa fase a pesquisa educacional, em boa parte, encontra-se integrada à crítica social e na década de 1980, muda-se o foco, direcionando-o ao envolvimento notável de estudos que abrangiam as questões sociais com fortes críticas à sociedade ancoradas em bases marxistas.

Na década seguinte, há uma diversidade de temáticas em foco com estudos sobre alfabetização, aprendizagem escolar, formação de professores, ensino, currículo, segmentos da educação infantil e anos iniciais, educação de jovens e adultos, educação superior, avaliação, políticas educacionais, entre outras.

Dessa forma, André (2006), expõe que as pesquisas qualitativas englobam um conjunto heterogêneo de perspectivas, métodos e técnicas de análises, compreendendo estudos etnográficos, pesquisa participante, estudos de caso, pesquisa ação, análises de discurso e narrativas, estudos sobre memória, história de vida e história oral.

É ainda André (2006) que nos alerta sobre a existência de espaço para todos os tipos de pesquisa, porém é preciso levarmos em conta a sistematização e controle dos dados, para que estes sejam coletados mediante procedimentos rigorosos, que a análise seja densa e fundamentada e que o relatório descreva claramente o processo seguido e os resultados alcançados.

Ao levantarmos um conceito de pesquisa, Gatti nos propõe

Pesquisa é o ato pelo qual procuramos obter conhecimento sobre alguma coisa. [...] Contudo, num sentido mais estrito, visando a criação de um corpo de conhecimentos sobre certo assunto, o ato de pesquisar deve apresentar certas características específicas. Não buscamos, com ele, qualquer conhecimento, mas um conhecimento

que ultrapasse nosso entendimento imediato na explicação ou na compreensão da realidade que observamos. (GATTI, 2002, p. 9-10).

A pesquisa fornece ao pesquisador e à sociedade a possibilidade de reconhecer sujeitos, lugares, problemas e situações que, uma vez trabalhadas com rigor, podem trazer à pesquisa educacional um quadro produtivo de reconhecimento e abrangência de temas favoráveis para repensar situações de melhoria do que se discute e é trazido à tona.

Nesse sentido, podemos observar, nesse crescimento da pesquisa qualitativa, também o aparecimento das pesquisas que utilizam as narrativas para compreensão da singularidade dos sujeitos da pesquisa. Dar voz aos sujeitos pode contribuir para o entendimento de situações singulares que, ao serem narradas, podem ser interpretadas como universais.

Com essas alterações, a pesquisa qualitativa cresceu e as abordagens metodológicas também acompanharam tais modificações. Desse modo, entre diversas metodologias, as narrativas ganharam espaço. Segundo Urt e Pereira (2013), ao observar o crescimento da pesquisa qualitativa e a crescente utilização das narrativas na pesquisa educacional, evidencia-se a aproximação do pesquisador com o sujeito envolvido na pesquisa, questão que pode ser a evidência desse crescimento.

Conquistando espaço nas ciências humanas e na educação, as narrativas surgem na Europa ao final da década de 80 e, no Brasil, ao final dos anos 90. Autores como Dominicé (1988); Goodson (2001); Josso (2006); Nóvoa (1992, 2007); Catani (2003), Bueno (2002), dentre outros, consideram a relevância significativa desse recurso para compreensão dos processos de formação docente.

Nóvoa (1992) afirma que, munido de precauções cada vez maiores (conceituais, metodológicas e éticas), as histórias de vida podem contribuir para a elaboração de novas propostas sobre a formação de professores considerando que “o professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor”. (NÓVOA, 1992, p. 15).

Josso (1999) nos leva a refletir acerca de como situar esse fascínio pelo singular, a individualidade, o sujeito, o vivido, o experiencial, a globalidade concreta, o existencial, na complexidade dos processos de formação, permitindo-nos encarar a relação da história de vida com a história da sociedade. Afirma que, nos últimos anos, há um crescimento considerável desse recurso metodológico consubstanciando-se nos estudos apresentados em eventos relacionados à pesquisa educacional.

Apesar da adesão cada vez maior ao uso das narrativas, esse recurso suscita críticas diversas, em sua maioria centralizadas na menção à individualidade, na fragilidade metodológica que essas narrativas representam, fatos que podem causar falta de validade científica sob o olhar de alguns pesquisadores.

A despeito das críticas, entendemos que as narrativas podem contribuir para as pesquisas educacionais, pois nas narrações residem a possibilidade de pensar sobre fatos da infância e da vida adulta, que significam escolhas, tomadas de decisão, autoanálise e conhecimento de si.

NARRATIVAS: UMA POSSIBILIDADE NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

As narrativas estão presentes em nosso dia a dia, no simples fato de buscar nas lembranças memórias distantes, ao contarmos uma história de infância um fato real ou imaginário, lembrar lugares e/ou relatar um filme. Para Benjamin (1994),

[...] narrativa é uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Segundo o autor, a difusão rápida da informação na sociedade capitalista pode favorecer o desaparecimento das narrativas, questão preocupante, uma vez que considera as narrativas como fonte de comunicação entre as pessoas.

Vista como recurso metodológico consideramos que:

[...] a narrativa não é um simples narrar de acontecimentos, ela permite uma tomada reflexiva, identificando fatos que foram, realmente, constitutivos da própria formação. Partilhar histórias de vida permite a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso compreendendo o sentido do mesmo, entendendo as nuances desse caminho percorrido e reaprendendo com ele. (MORAES, 2000, p. 81).

A convivência na sociedade determina a individuação das subjetividades, porém o sujeito intervém sobre esses determinantes a partir do momento em que produz e modifica o meio. Nesse sentido, as narrativas dos sujeitos nos permitem analisar em cada passagem a presença do outro, revelando que o social e a vida pessoal estão articulados ao espaço onde o sujeito vive a sua história.

As narrativas revelam que os acontecimentos são vividos e socializados e que as lembranças são constitutivas de um grupo social, portanto o homem é resultado de um tempo histórico e concreto. Nesse sentido, as narrativas marcam a sua existência, bem como de seu grupo social.

Pelas narrativas, podemos inferir as marcas da história de um sujeito, suas características, seus anseios, desafios, elementos que o tornam essencialmente histórico, sujeito às especificidades do contexto cultural em que vive, trabalha e se desenvolve, tendo que se transformar continuamente diante dos desafios que lhe são impostos nesse processo.

Ao emitir as narrativas, revela-se um lugar, uma cultura, um modo de vida singular em suas especificidades, mas de caráter universal, de um sujeito social, que apresenta uma história individual, porém que se une ao coletivo.

Revelando suas narrativas, os fatos do passado e do presente, são ressignificados, já que: “Na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 17). Ao relatar a sua história há um fio tecidual no qual se desenrola uma história de vida, mas nunca de um sujeito isolado.

Entre o passado e o presente, não há confins desvinculados, há fatos novos que agrupados formam novas lembranças e novas histórias, sempre articuladas a um contexto, ao outro que faz parte das lembranças e, por conseguinte, colaboram na construção da identidade de cada sujeito. Para Ciampa (1987), não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo do estudo da sociedade. As possibilidades de diferentes configurações de identidade estão relacionadas com as diferentes configurações de ordem social.

Na construção da identidade, as relações vivenciadas são criadas pelos homens e, nesse sentido, oportunizam a cada indivíduo fazer as suas escolhas, viver a sua vida, representar o seu papel na sociedade. Ainda que seja em condições previamente dadas, cada sujeito constrói a sua história e participa da história do outro.

Segundo Ciampa (1987), as personagens vão se engendrando umas às outras pelo agir e pelo dizer, construindo um universo de significados que as constitui. Se não se transformarem, não têm como transformar o ambiente. As pessoas estão em constantes mudanças.

Conforme Bosi (1994):

Quando relatamos nossas mais distantes lembranças nos referimos, em geral, a fatos que nos foram evocados muitas vezes pelas suas testemunhas. Somos de nossas recordações, apenas testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão. Preciso reconhecer que

muitas de nossas ideias, não são originais, foram inspiradas nas conversas com os outros. (BOSI, 1994, p. 406-407).

Essa riqueza de ideias originárias de vivência do indivíduo pode significar um excelente recurso para a formação docente, pois não são pensamentos e evocações isoladas, mas que permitem buscar no outro a possibilidade de trajetórias iguais e diferentes, que representam a visão docente e sua complexidade.

A formação e a prática docente revelam a ação de um grupo social, ao desvendar os valores, os hábitos, as ideias que permeiam determinados tempos da sociedade. Assim, ao narrar sua história, o sujeito passa por um processo contínuo de lembranças que, atualizadas, são assimiladas e renovadas a cada grupo e seu tempo histórico. Nesse fato reside a riqueza das narrativas.

DIFERENTES OLHARES SOBRE A MEMÓRIA

O termo memória tem sua origem etimológica no latim e significa a faculdade de reter e/ou readquirir ideias, imagens, expressões e conhecimentos adquiridos anteriormente, reportando-se às reminiscências. As narrações revelam os sujeitos, as suas representações de mundo, os fatos que eles selecionam em sua memória e dão importância em sua vida. As formas como eles dispõem os fatos vividos, dando-lhes ênfase, aquilo que retomam constantemente, como se veem nos acontecimentos e qual a posição que ocupam servem para revelar o seu processo de constituição.

É preciso reconhecer que as memórias individuais são construídas a partir de vivências que os sujeitos experimentaram no curso de suas vidas, no interior de grupos sociais. A manifestação de memórias individuais decorre da inserção delas em campos de significados de domínio coletivo, pois ao lembrarmos de fatos, no ato de lembrar, nos servimos de alguns significados e são os grupos sociais que nos servem de pontos de referência.

Podemos considerar a memória como algo concreto e não como fruto de sonhos e fantasias, mas sim como um trabalho de reconstrução do passado de acordo com os valores e as referências culturais do grupo social ao qual o sujeito pertence.

Compartilhando da ideia de Halbwachs, Bosi (1994) afirma que a memória permite a relação dos fatos presentes com o passado. São as lembranças que possibilitam a sobrevivência das gerações futuras. Lembrar é refazer, reconstruir, pensar com imagens e ideias de hoje as experiências do passado.

As lembranças de cada indivíduo estão apoiadas nas lembranças coletivas, o ato de recordar é efetivado pela memória social. Sendo as lembranças coletivas, elas se alicerçam sobre as recordações de outros, garantindo, assim, que a exatidão do fato recordado seja maior.

A lembrança do passado informa ao grupo sobre o seu presente, de forma que passado e presente se constroem reciprocamente. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, com os seus grupos e com as suas instituições. É no contexto dessas relações que construímos as nossas lembranças. A rememoração individual se faz na organização das memórias dos diferentes grupos com os quais nos relacionamos.

Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne, é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado. (BOSI, 1994, p.413).

As lembranças de cada indivíduo estão apoiadas nas lembranças coletivas, o ato de recordar é efetivado pela memória social. Sendo as lembranças coletivas, elas se alicerçam sobre as recordações de outros, garantindo, assim, que a exatidão do fato recordado seja maior.

A adaptação do homem a determinado lugar é favorecida pela permanência da paisagem e pela imobilidade das pessoas. Segundo Halbwachs (2004), essa apropriação do lugar acontece quando os pensamentos e os movimentos dos indivíduos se vinculam às imagens exteriores, ou seja, quando há a sedimentação dos hábitos dos indivíduos à materialidade que os cerca.

Portanto, as lembranças de lugares participam da formação da identidade dos indivíduos no momento em que a memória é acionada, seja para garantir orientação espacial, fazer referência a outros lugares visitados ou simplesmente para reavivar lembranças de fatos pessoais ou provenientes da história pública que ocorreram naquele espaço, garantindo a sensação de pertencimento a uma cultura e a um tempo histórico.

Pollak (1992) também destaca que os acontecimentos não são vividos apenas em sua dimensão individual, mas são socializados em nosso grupo social do qual herdamos lembranças constitutivas da identidade do grupo. A memória, portanto, é seletiva, seleciona os acontecimentos que devem ser guardados e incorporados à memória coletiva.

É o sujeito que recorda, que imprime a sua marca histórica. Ele é o memorizador, mas sua história, seu passado está impregnado pelos objetos e lugares que são significativos para ele, mas que são revelados na cultura produzida por outros homens.

Lembrar é fazer reviver o passado e, por meio dos relatos do sujeito, é possível concretizar a história individual de um sujeito e de um lugar, espaço e tempo, singular e universal. A cada relato, a história é revelada, um lugar é desvelado, uma cultura é produzida.

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2004. p. 30).

A manifestação de memórias individuais decorre da inserção delas em campos de significados de domínio coletivo, pois ao lembrarmos de fatos, no ato de lembrar, nos servimos de alguns significados e são os grupos sociais que nos servem de pontos de referência.

Considerando também a memória como um método de interpretação do passado que se quer salvaguardar, se integra, conforme salienta Pollak (1989), em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes, como os partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, clãs, famílias, nações, etc. O autor analisa que a referência ao passado serve para manter a coesão dos sujeitos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo e sua complementaridade.

Ao fazer da rememoração uma prática de pesquisa, procura-se articular memória e conhecimento, resgatando saberes que a memória social registra e reconstruindo as trajetórias. A partir dessa perspectiva, compreende-se que este estudo pôde evidenciar a importância da memória para registro da trajetória de professores com possibilidades de trazer em si representações do passado essenciais para refletir sobre a formação docente.

Essa representação do passado é concebida uma vez que a memória passa a ser entendida não simplesmente como “o passado” ou “um reflexo do passado”, mas como uma construção constante influenciada pelas identidades existentes no presente e pelas suas práticas sociais. Assim sendo, a memória não deve ser entendida como um apanhado individual, mas composta de muitos sentidos entrecruzados da memória social inscrita em práticas, e da memória construída pelo historiados.

MEMÓRIAS E NARRATIVAS: PROFESSORAS EM FOCO

Nesta pesquisa, foram considerados dois pontos importantes: a definição dos sujeitos e os procedimentos que foram adotados. Em relação aos sujeitos, para ilustrar as discussões, são

apresentados episódios de narrativas de três professoras que atuam em escolas do núcleo pantaneiro localizado na região do Pantanal sul mato-grossense, nas proximidades da cidade de Aquidauana. Foram coletadas as narrativas orais desses sujeitos que foram transcritas, classificadas e analisadas.

A escola onde atuam oferece Ensino Fundamental – Anos Iniciais – e é mantida pela prefeitura Municipal de Aquidauana, em parceria com os produtores rurais. A escola localiza-se em uma fazenda afastada da cidade, em meio ao Pantanal, com estradas vicinais de difícil acesso, mas as professoras voltam para suas casas todos os dias em transporte da secretaria de educação. A escola segue a metodologia do Programa da escola ativa, pois as salas são multisseriadas.

Para o trabalho se efetivar com sucesso em relação à metodologia adotada, as professoras participam de constantes capacitações. A escola é visitada periodicamente pela coordenação pedagógica para acompanhamento das atividades realizadas em relação à metodologia aplicada. O acompanhamento visa garantir que a estratégia da escola ativa seja bem realizada no sentido de colher resultados por meio dos alunos que vivem nas regiões distantes para que possam aprender a partir de sua realidade e vivência.

Há uma preocupação com a criação de projetos para estudo do meio, uma vez que as escolas estão em lugar privilegiado de fauna e flora com riqueza de paisagens naturais, possíveis de serem objeto de estudo.

É nesse contexto que atuam as professoras que ora apresentam suas narrativas. Nosso objetivo em ouvi-las é na perspectiva de compreendê-las em quatro momentos distintos em seus processos de formação: como se deu sua escolha pela docência; qual a influência do lugar onde viveram para a sua escolha, quais as pessoas que influenciaram sua escolha e quais características elas atribuem a sua ação docente.

Para investigar o movimento da pesquisa qualitativa que se comprometeu com a busca do processo de constituição das professoras, recorreremos à coleta de seus relatos, narrativas de suas memórias.

Esse tipo de pesquisa favoreceu a apropriação de conhecimento, voltando-se para o estudo das questões que envolvem a formação docente. Compreendeu o objetivo voltado à constituição do sujeito num processo educativo, em movimento de transformação, complementado pelo conhecimento do contexto onde as ações ocorreram.

Esta investigação objetivou apreender, na trajetória narrada pelos sujeitos, os elementos significativos, tais como: como o narrador ordenou a sua fala, os sentidos que ele deu às suas

experiências, o que valorizou mais nas situações narradas, qual a imagem que ele registrou de si mesmo e dos outros, como entendeu os percalços da existência.

As informações trazidas pelos sujeitos em seus relatos são referenciais que eles têm a respeito do que vivenciaram e, nesse sentido, trazem as suas conceitualizações, portanto, nesse tipo de procedimento, o conhecimento sai dos próprios conteúdos dos relatos dos sujeitos.

Para a pesquisa foram analisadas as memórias narradas que possibilitaram compreender que a constituição da subjetividade e a concepção de sujeito estão atreladas à realidade objetiva. É ela quem oferece os valores e normas que serão apreendidos e internalizados pelo sujeito, através das mediações que ele estabelece com outros sujeitos, constituindo assim o seu psiquismo.

Sabemos que as narrativas não revelam uma verdade absoluta, e que a visão do narrador corresponde a uma entre muitas. As narrativas fazem os sujeitos rememorem e, por meio delas, revelam uma fala que é a sua história, ou seja, os sujeitos realizam um rememorar de sua vida em relação à atividade que exercem.

Na leitura criteriosa do material das narrativas, pudemos identificar vários episódios nas trajetórias das professoras. Portanto, na construção da identidade, as relações vividas são criadas pelos homens e, nesse sentido, oportunizam a cada indivíduo fazer as suas escolhas, viver a sua vida, representar o seu papel na sociedade. Ainda que seja em condições previamente dadas, cada sujeito constrói a sua história e participa da história do outro.

EPISÓDIOS IDENTIFICADOS NAS TRAJETÓRIAS DAS PROFESSORAS

Ao emitir as narrativas, revela-se por meio das memórias um lugar, uma cultura, um modo de vida singular em suas especificidades, mas de caráter universal, de um sujeito social, que apresenta uma história individual, porém que se une ao coletivo.

Ao relatarem sua opção profissional, momentos da infância, incentivos, situações e experiências vividas e pessoas que tiveram influência em sua opção, vem à tona nas lembranças e, aos poucos, episódios são desvendados.

[...] Desde criança ouvia meus pais dizendo que tinham um sonho: que uma das três filhas fossem professoras. Cresci ouvindo e acho que ao ouvir fiquei com o mesmo sonho. Fiz o magistério, foi muito bom, fui aprendendo e aprimorando o sonho. Agora, claro, tem muitos problemas na profissão, mas eu gosto e sinto que fiz a melhor escolha. Para os meus pais a profissão de professora era muito importante;

para eles era o que eles não conseguiram, eles não tiveram a oportunidade de estudar e eu tive. Então, isso era muito para eles e foi importante pra mim também. (P1).

[...] Escolhi essa profissão pois na minha família tem muitas professoras. É família de professoras. Isso já me deixava numa situação de pensar em ser professora. Não tive dúvidas. Terminei o ginásio e fui para o magistério. Gostei demais. Tinha excelentes professores. E, logo comecei a substituir nas escolas do bairro onde morava e aí, não parei mais, já são 24 anos. Na escola pantaneira são 10 anos. Já vou me aposentar, acho, né? Aposentaria não significa parar de lecionar. (P2).

A memória é construída coletivamente, nas referências que a estruturam e, ao articular a memória individual com a coletiva, sua prática pode permitir duração e continuidade do que é vivido coletivamente. É possível compreender as análises das narrativas biográficas como potencialmente férteis para a compreensão dos sujeitos ao longo de suas vidas.

Ao relatarem os fatos, as professoras relembram a vida escolar e a importância desse momento para pensar a escolha da profissão.

Minha escolha começou na infância. Brincava na fazenda, corria, pulava brejo, nadava no rio. Nossa! era uma infância muito feliz. Tinham muitas crianças sabe, a criançada filhos dos funcionários, a gente brincava muito, não tinha brinquedo, mas tinha o campo, as árvores, a própria natureza. A escola era o diferencial, tinha aula de manhã. A gente acordava, comia e já corria para a escola. Sempre tinha troca de professoras, porque dá aula na fazenda não é fácil. Mas era um amor pelas professoras. Eu admirava elas e foi essa admiração que me fez escolher ser professora. Eu achava elas importante e era, todos respeitavam muito as professoras porque eram estudadas, tinham conhecimento. Eram diferentes, porque eram formadas [...]. (P3)

Segundo Halbwachs (2004), as lembranças são construídas com pontos de referência que as estruturam e ajudam na sua conservação. Bosi (1994) pontua que o primeiro dia de aula, a perda de uma pessoa amada, a formatura, o começo da vida profissional, o casamento são acontecimentos que dividem a nossa vida em períodos, constituindo-se em marcos para sustentarem as nossas memórias.

Dessa forma, os motivos que levaram as professoras à escolha de seu ofício se apresentam em situações distintas, mas revelam fatores que se situavam no meio social, nas relações estabelecidas na família, no trabalho. A presença do outro aparece em suas lembranças como perspectiva de criar ou confirmar uma rota profissional traçada para sua vida, cuja profissão configura-se como possibilidade de melhoria, de crescimento, de reconhecimento no meio social.

Quando se trata de rever as memórias, não há preocupação com o tempo exato em que as coisas aconteceram, queremos entender as condições em que elas aconteceram, os modos, os motivos, as circunstâncias que cercaram os fatos e registrar tudo isso.

Em suas narrações as professoras buscam na memória, os fatos que representam as influências dos lugares na vida das pessoas e nas suas escolhas.

[...] Sou de uma cidade bem pequena, de um tempo em que as moças casavam cedo, por imposição da família, mas a maioria casava bem cedo e também eram donas de casa e se optassem por trabalhar tinha que ser de professora, pois era só um período e dava tempo de cuidar das crianças, dos filhos da gente e da casa também. Eu sempre trabalhei assim, dando aula e cuidando da casa, limpando, passando, lavando e também cuidando dos três filhos. E tudo sempre deu certo. (P1).

Sou de família grande e todos moram bem perto, cidade do interior, quase cidade rural, porque a cidade está dentro da zona rural, há sempre reuniões, almoço em família, e o assunto era sempre escola risos) Minhas tias todas são professoras, sempre fiquei nesse mundo da escola, elas eram professoras da escola onde eu estudava. Eu ajudava a carregar os livros, os cadernos dos alunos, isso influenciou na minha vida. Eu brincava de professora, de corrigir prova [...] (P2).

Enquanto narram suas histórias, fatos e momentos vão sendo reinventados, elementos vão sendo reconstruídos, sob um “outro olhar”, a partir de um outro contexto. As narrativas podem ser instrumentos favoráveis para a compreensão da memória e da história dos sujeitos envolvidos na investigação proposta.

Eu gosto muito da escola pantaneira, porque sempre vivi no campo. Meus pais sempre foram empregados em fazendas. A gente sempre mudava, mas era de uma fazenda para outra. Às vezes era briga com o patrão, outras vezes era para ganhar mais. Eu amo esse lugar e a escola é uma alternativa para colaborar com o crescimento daqui, das crianças. Ensinar um pouco do que eu sei no lugar que eu amo é muito bom, é gratificante. É um sonho realizado. (P3)

Assim, aos poucos, por meio das narrativas, emoções são afloradas, momentos marcantes da história do sujeito, de forma positiva ou não, são evidenciados. As noções de tempo e de espaço dos grupos sociais da memória são fundamentais para rever o passado, tendo em vista que as localizações, espacial e temporal das lembranças são a essência da memória.

Assim, as professoras relembram fatos que marcaram sua trajetória na docência e as características de sua prática.

Nunca me arrependi de ser professora. Escolhi a profissão certa. No início foi difícil. A formação não dá muita base para a prática, mas vamos aprendendo com a prática mesmo. Erra, acerta e vai refazendo. Sempre que posso faço cursos, para aprimorar e aprender mais. Conhecimento nunca é demais. Hoje, está mais difícil, as crianças são mais levadas e peraltas, mas mesmo assim a docência ainda vale a pena, mesmo próximo da aposentaria, não pretendo parar. Sinto que a sala de aula é a minha vida. (P1)

Lembro do meu primeiro dia de aula, como professora, não sei se dou risada ou choro. Tinha uns balanços na escola, empurrei uma aluninha, ela balançou bem alto, lembro da diretora vindo em minha direção histérica, gritando, muito irritada. Eu fiquei nervosa, não sabia como falar ou responder. Realmente fui insensata, mas estava apenas tentando me relacionar com as crianças. Fiquei muito triste, a diretora me deu aquela bronca. Era muito brava, qualquer coisa ela se irritava. Além de todos os problemas da docência, há sempre uma diretora assim. Só precisava de uma orientação. São pessoas, mas geralmente as diretoras são autoritárias, mesmo hoje, ainda são, mas como em qualquer profissão há pedras no caminho, mas é o que realmente escolhi para minha vida. (P2)

Ao revelarem seu ofício, buscam na memória situações vividas em outros momentos, o que demonstra a relação com tempos e espaços que cercam o seu cotidiano. Ao narrar, refazem o percurso de suas vidas, por meio do fio da memória, reconstruindo-as em cada lembrança, que representa espaços e pessoas que elas elegem como significativas para compor a sua história.

Gosto da minha profissão e também aqui da escola pantaneira. Sou uma pessoa de vida rural e, por isso, aqui tem algo especial. A vida no campo é mais tranquila, as crianças também. Aprendo muito com elas e com as pessoas daqui. Há idosos, que viveram aqui toda a sua vida e são exemplos de sabedoria. Tudo é importante e as pessoas me ajudam muito. Quando dou aula fora da sala de aula, tem peão que ajuda a explicar sobre a plantação, até tem um que ajudou as crianças a construir uma horta. Tudo isso é ajuda para que as crianças aprendam mais, não só na sala de aula, mas fora dela também. [...] (P3)

Na voz da professora, conforme seu depoimento, um lugar é revelado. Sua importância é apresentada. Tudo pertence ao cotidiano gerado e construído todos os dias, conferindo significado aos ambientes, às pessoas, dentro do contexto de uma história escrita a cada dia em consonância com a história do mundo.

A história das professoras funde-se com outras histórias, pois a sua vivência promove o crescimento e a valorização do espaço territorial em que estão vivendo e atuando como professoras.

As narrativas aqui expostas são breves, ilustrativas, recortes de relatos longos e intensos, contudo é possível compreender, nas palavras aqui registradas, que as professoras, ao rememorarem, revelam pistas que podem oferecer suporte para o estudo da formação e da prática docente a partir do que pensam os professores.

Há em cada narrativa diferentes histórias, mas encontros em lugares e momentos históricos que favorecem pensar a atividade docente de sua realidade, a partir do seu *lócus* de atuação, importante para compreender o professor, sua formação, suas necessidades e concepções. Em seu conjunto, essas narrativas representam a estrutura social que as constituem e que, ao mesmo tempo, é constituída por elas em sua trajetória pessoal e profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das reflexões realizadas neste estudo, podemos compreender que as narrativas evidenciam a importância da análise que as professoras fazem de sua atuação profissional, das relações que estabelecem com o outro. O que vem à baila na fala das professoras é a possibilidade de reconhecer-se na profissão, poder pensá-la e repensá-la. Procurando explicar o contexto, retornam sempre às relações vividas e construídas no espaço escolar.

As narrativas dessas professoras podem revelar quem são, o que pensam, o que as identificam, o que esse lugar onde a escola está localizada representa para essas profissionais e que motivos as levam a continuar professoras, a acreditar na profissão, a buscar melhorias em sua atuação.

Essa riqueza de ideias originárias de vivência do indivíduo pode significar um excelente recurso para a formação docente, pois não são pensamentos e evocações isoladas, mas memórias que permitem buscar no outro a possibilidade de trajetórias iguais e diferentes, que representam a visão docente e sua complexidade.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. Pesquisa em Educação: buscando rigor e qualidade. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, n. 113, p. 51-64, jul. 2001.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

CATANI, D. B. Lembrar, narrar, escrever: memória e autobiografia em história da educação e em processos de formação. In: BARBOSA, R. L. L. *Formação de educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S. T.; CODO, W. (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DOMINICÉ, P. O que a vida lhes ensinou. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde, Departamento dos Recursos Humanos da Saúde, 1988, p. 131-153.

GATTI, B. A. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Plano Editora, 2002. Série Pesquisa em Educação, v. 1.

_____. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. *Cadernos de pesquisa*, n.113, p. 65-81, jul. 2001.

GOODSON, I. Dar a voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vida de professores*. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 2007.

GOUVEIA, A. J. A pesquisa educacional no Brasil. *Cadernos de pesquisa*, n.1, p.1-48, julho/1971.

_____. A pesquisa sobre educação no Brasil: de 1970 para cá. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, n. 19, p.75-87, dez/1976.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

JOSSO, M. C. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 2, p.11-23, jul/dez,1999.

_____. A transformação de si a partir da narração da história de vida. *Educação*. Porto Alegre, RS. n. 3, p.413-438, set/dez, 2007.

MORAES, A. A. de A. *Histórias de leitura em narrativas de professoras: uma alternativa de formação*. Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 1999/2000.

NOVOA, A. *Vida de professores*. Porto: Porto Editora Ltda, 1992.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro. v.5. n.10, 1992.

URT S. C; SIMÃO, C. A pesquisa em educação e o recurso metodológico das narrativas: uma aproximação com a teoria histórico-cultural. *Revista Teias*, v. 14. n. 31, 109-120.maio/ago, 2013.

RESUMO

Esta proposta de pesquisa apresenta reflexões acerca do recurso metodológico das narrativas na pesquisa em educação a partir das memórias que o sujeito traz de sua história de vida e trabalho. As professoras, ao narrarem suas trajetórias, representam sujeitos concretos, culturais e sociais, cuja singularidade é forjada, a partir das relações sociais e culturais que estabelecem ao longo da vida. Suas lembranças rememoradas podem contribuir para repensar a formação docente frente aos seus aspectos constitutivos possíveis de serem alvo de reflexão e transformação.

Palavras-chave: Narrativas. Memórias. Formação de professores.

ABSTRACT

MEMORIES IN TESSITURE: RECORDED STORIES, LIFE AND WORK

This research proposal presents reflections on the methodological resource of narratives in educational research from the memories that the subject brings from his life story and work. The teachers, when they describe their trajectories, represent concrete subjects, cultural and social, whose uniqueness is forged, from the social and cultural relations that establish throughout life. Their recollected memories can contribute to rethinking teacher training ahead of their constitutive aspects that are possible to be the target of reflection and transformation.

Keywords: Narratives. Memories. Teacher training.

Submetido em: agosto de 2014

Aceito em: setembro de 2014